

MAX
E OS
DEMÔNIOS

GILBERTO SCHWARTSMANN

MAX
E OS
DEMÔNIOS



Editora Sulina

Copyright © Gilberto Schwartzmann, 2020

Capa: Humberto Nunes (Sobre imagem da obra *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, Biblioteca Apostólica do Vaticano)

Editoração: Niura Fernanda Souza

Preparação de originais: Maria Dolores A. Sanvicente

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

S399m Schwartzmann, Gilberto
 Max e os demônios / Gilberto Schwartzmann. – Porto Alegre: Sulina, 2020.
 520 p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-002-7

1. Literatura Brasileira – Ensaios. 2. Ensaios Brasileiros.
I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-4

CDD: B869.4

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Outubro/2020

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Para Leonor,
Minha flor, bela, culta e generosa.

Para as inesquecíveis Nastássia Filíppovna
e Tattiana Larina.

No ano de 1658, Iohannes Amos Comenius renova seu convite à leitura, ao final de sua obra “Orbis sensualium pictus”, um dos primeiros livros didáticos utilizados formalmente para o ensino de crianças. Comenius recomenda partir do conhecido ao desconhecido, usando o poder das imagens mais simples. Desaconselha o emprego da ameaça e do castigo, pois, para ele, o despertar para o aprendizado através do encantamento funciona melhor. Prefere a compreensão da essência das coisas à simples memorização. Ao final, dá ao aluno o seguinte conselho: “Com efeito, tu já observaste neste compêndio todas as coisas que se podem mostrar. E aprendeste as palavras fundamentais do latim (e do castelhano). Prossiga agora tu mesmo. Leia com atenção outros bons livros, para que te tornes instruído, sábio e piedoso”.

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Nota do autor</i>	11
<i>Petrus Lombardus</i>	16
<i>Max</i>	30
<i>Os Rothe</i>	47
<i>Biblos</i>	59
<i>Héxapla de Orígenes</i>	71
<i>Hortus deliciarum</i>	90
<i>O ovo</i>	102
<i>Mentira</i>	109
<i>Hybris</i>	127
<i>Leon Davidovich Bronstein</i>	144
<i>Adis abeba</i>	168
<i>Septuaginta</i>	194
<i>Ezequiel</i>	215
<i>Leopold</i>	228
<i>Cum nimis absurdum</i>	245
<i>Schwarzbigz</i>	261
<i>O grande cisma</i>	271
<i>Geli Raubal</i>	290
<i>Josef Vissarionovitch</i>	301
<i>Pema Jigme</i>	310
<i>William de Baskerville</i>	317

<i>Codex Aureus de Lorsch</i>	326
<i>Dimitri</i>	338
<i>Agnes</i>	353
<i>Castorþ</i>	366
<i>Liberté</i>	376
<i>Dulcinea</i>	390
<i>Carmen</i>	402
<i>Iuri</i>	412
<i>Maria Szymborska</i>	420
<i>Albatroz</i>	434
<i>Orbis sensualium pictus</i>	446
<i>Grigori</i>	456
<i>Héptapla</i>	471
<i>Mar salgado</i>	492
<i>Areias do Marrocos</i>	504
<i>Comentário final do autor</i>	510

Prefácio

O mágico planeta Tlön de Borges e o fantástico mundo dos Schwartsmann

Franklin Cunha

“Deixaremos de pensar se não o fizermos
dentro da prisão da linguagem.”
Nietzsche

“Tudo o que inventamos é verdadeiro.”
Flaubert

Na *The Anglo-American Encyclopedia* (New York, 1917), Jorge Luis Borges descobriu Tlön, Uqbar, Orbis Tertius. Tratava-se, talvez, de um país, uma região ou mesmo um planeta até então desconhecido, com suas arquiteturas, com suas figuras dos baralhos, com seus idiomas, seus imperadores, profetas e pássaros, sua álgebra, suas controvérsias teológicas e metafísicas.

Conjeturava Borges que este *brave new world* era obra de uma sociedade secreta de astrônomos, de biólogos, de engenheiros, de metafísicos, de pintores muralistas, de geometras. Tudo dirigido por um obscuro homem de gênio.

No princípio se acreditava que Tlön era um mero caos, uma irresponsável licença da imaginação. As regiões desse planeta eram – congenitamente – idealistas. Sua lin-

guagem e seus dialetos, a religião, as letras, a metafísica conduziam ao idealismo. Enfim, depois de pensar em complicadas conjecturas, Borges pergunta se Tlön seria um labirinto, mas urdido por homens, um labirinto destinado a ser decifrado pelos homens.

Tentando decifrar o labirinto de Tlön – com remotas possibilidades de êxito –, aviso que este prefácio de *Max e os demônios* inclui uma admoestação: que não leia este livro quem não se sente disposto – com tempo, paciência e a necessária perspicácia – a decifrar a mente de alguns dos personagens e de seus conjecturais e misteriosos labirintos, tão inextricáveis como os de Tlön. Um dos dois livros pressupõe a leitura do outro.

Pois Gilberto Schwartsmann, nos vagares da atual quarentena sanitária, não somente leu e tentou entender as múltiplas vivências que estavam gravadas em sua mente e na de alguns de seus personagens, como as transmitiu com grande talento e coragem a seus tão destemidos quanto enfeitados leitores.

E creio que com a intrigante perspicácia com que Borges tentou uma fuga intelectual dos labirintos de Tlön, Gilberto tentou decifrar as sutilezas mentais de *Max e seus demônios*.

E até contrariando Nietzsche, ultrapassou a prisão da linguagem e voou livremente pelo mundo da sua fértil e poderosa imaginação. Graças a ela, contou-nos histórias verossímeis e inverossímeis (escolham o adjetivo), como já sabia Flaubert. E acabou nos revelando um mundo tão fantástico e fascinante como o Tlön, Uqbar de Borges.

São mais de quinhentas páginas de puro encanto e prazer intelectual, alinhadas por um reconhecido escritor de talento, que li em duas ou três madrugadas frias e silentes deste refúgio onde moro na zona sul de Porto Alegre.

Nota do autor

Foi em Florença, na metade do século XIV, em meio à epidemia que matou quase um terço da população da Europa, mais precisamente no ano de 1351, que Giovanni Boccaccio terminou de escrever o “Decameron”. Michel de Montaigne nasceu dois séculos depois, no castelo da família, em Bordeaux, na França, mas aconselhou-me, num sonho que eu tive, a imitar Boccaccio.

Disse o pensador bordelês que eu deveria encontrar um fio condutor para escrever sobre a minha “peste”. E solicitou que os personagens da obra, Lauretta e Filostrato, deixassem o confinamento para ouvirem minhas histórias. Os dois jovens e mais oito florentinos, Pampinea, Fiammetta, Filomena, Emilia, Neifile, Elissa, Panfilo e Dioneo, tinham decidido fugir de seus medos e tristezas pelas tantas mortes da terrível epidemia. Instalaram-se nas imediações de Florença e, para passar o tempo, durante dez dias, contaram histórias de mentiras, intrigas, traições e outras coisas do cotidiano.

Em meu sonho, a ideia de Montaigne era levar Lauretta e Filostrato ao seu castelo, mas dois séculos depois – o jeito de fazê-lo não vinha ao caso –, para que eles ouvissem sobre minha busca de parentescos. Montaigne era nobre, cursou direito em Toulouse, trabalhou nos tribunais de Périgueux e serviu na corte de Carlos IX. Ele viveu fechado no castelo que herdou do pai, onde redigiu sua obra filosófica, “Ensaaios”, texto dos mais influentes do Renascimento. Eram reflexões sobre religião, política, amor

e outros assuntos, que eu imagino fosse uma tentativa de aprender sobre si mesmo e o mundo.

Escolhi Montaigne para meu sonho como uma forma de homenagem. Desde que li seus escritos, impressionei-me muito com sua tolerância. Veja o leitor que no século XVI, um período de grande religiosidade, ele se atreveu a questionar o poder dos juizes de mandar certas bruxas para a fogueira. Ele até fez uma defesa apaixonada de algumas delas, dizendo que as bruxas, e não os juizes, poderiam estar com a razão em alguns casos. Eu considero essa atitude de uma coragem impressionante.

Ainda que um monarquista convicto, os posicionamentos de Montaigne como intelectual eram interessantíssimos. Numa época em que se vivia sob a égide do poder do Estado – era o século de Maquiavel –, mencionava a importância de não nos esquecermos dos direitos individuais. Ele faleceu em setembro de 1592, não sem antes me contar – no sonho – a segunda história do primeiro dia do “Decameron”, relatada por Neifile.

A história falava de dois amigos: Giannotto di Civigni, um comerciante de tecidos, muito católico, e Abraão, um judeu rico e também muito religioso. Os dois gostavam de debater sobre religião, e Giannotto identificava falhas no judaísmo. Ele dizia que no futuro a religião dos judeus desapareceria. Abraão, por sua vez, dizia ao amigo que permaneceria com sua fé, ainda que reconhecesse o esforço do outro em convertê-lo. Pela insistência de Giannotto com a história de torná-lo cristão, ele decide ir a Roma. Queria ver de perto como era a vida do papa e dos cardeais. E se, de fato, visse neles devoção igual a sua, prometia ao amigo mudar de religião.

Por receio de que Abraão descobrisse quão pecaminosa era a vida do clero, Giannotto tentou demovê-lo da

ideia da viagem. Mas o judeu, decidido, foi a Roma, onde já no primeiro dia testemunhou a luxúria e o pecado praticados pela cúpula do cristianismo romano. Obviamente, a visita decepcionou Abraão, um tipo muito correto e religioso. Ele então retornou a Paris, onde Giannotto o aguardava ansiosamente. Abraão descreveu ao amigo cristão os atos libidinosos dos sacerdotes, segundo ele, incompatíveis com sua crença religiosa. Giannotto imaginou que ele então esqueceria de vez a ideia da tal conversão ao cristianismo. Mas, para sua surpresa, Abraão concluiu que para uma religião como a que viu manter-se viva, só com a força do Espírito Santo. Por essa razão, decidiu converter-se imediatamente. Giannotto não entendeu bem a reação, mas o levou até uma igreja, onde o batizou com o nome de João. A vida seguiu seu curso, e Abraão passou o resto de sua existência como um dedicado cristão.

Boccaccio fazia duras críticas à Igreja. E o curioso é que, na história, ele escolheu para a conversão de Abraão o nome de João, o apóstolo mais próximo de Jesus. Foi ele quem no livro do Apocalipse profetizou sobre o fim do mundo. Mas o leitor deve lembrar que foi tudo um sonho. Montaigne contou também que Boccaccio ilustrou, a bico de pena, muitas das páginas dos originais de sua obra. Lauretta disse ao bordalês que o formato de meu nariz se parecia com o do judeu da história. Ela jurava que eu descendia de Abraão. O pior foi que eu acreditei no parentesco – imagino que por pura vaidade.

Filostrato comentou que, se a questão era encontrar um “fio da meada” para as histórias que eu desejava contar, o melhor seria eu reler “As mil e uma noites”, obra de autores desconhecidos de origem indiana, árabe, persa, chinesa e dizem que até japonesa. Lapidadas ao longo de mais de mil anos, as histórias de Sherazade foram trans-

mitidas oralmente, século após século. Falavam de amor, traição, aventura, feitiçaria, gênios e tapetes voadores. Numa delas, havia um rei de nome Shariar, que descobriu ter sido traído pela esposa. Furioso, ele mandou matá-la. E decidiu se casar com uma nova mulher a cada noite e executá-la na manhã seguinte.

Dessa forma, ele não correria o risco de ser traído novamente. Cumpriu esse ritual por três anos, matando as esposas a cada manhã seguinte à noite de núpcias. Um dia, Sherazade, filha do primeiro-ministro, propôs ao pai um plano para pôr fim a essas terríveis execuções que a todos assustavam no reino. Para isso ela precisaria se casar com o rei. Sendo Sherazade bela e inteligente, Shariar aceitou logo desposá-la. Mas depois da cerimônia, quando os dois estavam em seus aposentos e o rei trancou a porta, ela disse ouvir o choro de Duniazade, sua irmãzinha. Sherazade pediu então a Shariar que a deixasse contar ao menos uma de suas histórias para fazer a menina dormir – era seu costume antes de se casar. O rei concordou e ela pôs a irmãzinha ao seu lado na cama, contando-lhe uma história.

De início, Shariar parecia desinteressado em ouvi-la, mas quando a menina adormeceu, ele pediu que Sherazade continuasse até o final. Em vez disso, ela emendava histórias e mais histórias, uma após a outra, até o dia amanhecer, e depois dia após dia, sem nunca contar o final. E assim ela manteve o rei curioso o tempo todo, esquecendo que deveria executá-la. Mil e uma noites depois, Sherazade disse ao rei que já estava cansada de contar tantas histórias e que ele poderia matá-la, se assim o desejasse. Foi quando os dois escutaram passos vindos do corredor do palácio. Porém, ao contrário do que se poderia pensar, não era o tão temido carrasco que fazia as execuções, mas Duniazade,

a irmãzinha, agora transformada numa bela jovem. Ela apresentou ao rei os três lindos filhos que ele e Sherazade tiveram, sem que ele percebesse, durante as “mil e uma noites” de seu casamento. Shariar percebeu, então, que seu coração estava cheio de amor por ela e desistiu de mandar matá-la. E viveram felizes para sempre.

No início do século XVIII, Antoine Galland traduziu “As mil e uma noites” do árabe para o francês. Foi assim que o Ocidente conheceu esta linda obra, que povoou o imaginário das crianças do mundo inteiro. As histórias de Sherazade influenciaram Marcel Proust, Edgar Allan Poe, Jorge Luis Borges e até o nosso Machado de Assis. Quando criança, minha irmã lia estas histórias até eu pegar no sono.

Do sonho, eu entrei num pesadelo – coisa do demônio. Tratava-se da “Divina comédia”, de Dante Alighieri. Nas portas do Inferno, Caronte, transportador das almas do rio Aqueronte, duvidou que eu estivesse morto. Como Laurretta, o barqueiro de Hades, o deus do Inferno, desconfiou que meu nariz não fosse tão cristão assim. E eu fiquei no limbo. Tal qual Dante, na “Comédia”, eu então desmaiei. E não foram Horácio, Homero e Virgílio que me fizeram despertar. Tampouco foi Beatriz quem me levou ao Paraíso. Foi Maria, não a Virgem, mas minha mãe; Margareth, minha irmã; Dona Giselda, a professora; e Leonor, não a rainha lusitana, mas a minha. As quatro melíades desenrolaram “o fio de Ariadne”, para que Teseu encontrasse a saída do labirinto. Como Sherazade, emendei histórias, na esperança de que Shariar me poupasse a vida.